relação mortal

j. d. robb

Tradução de Patrícia Xavier

CHÁ DAS CINCO
Livros com sexto sentido

Bem-vindas, sombras aparentadas!
Horrores semelhantes, eu vos saúdo!
JAMES THOMSON

Uma mentira que é meia-verdade é
sempre a mais negra das mentiras.
TENNYSON

CAPÍTULO 1

Eve morrera e fora para o paraíso. Ou melhor do que isso, pois quem sabia se havia sexo de primeira qualidade e manhãs preguiçosas de feriado no paraíso? Estava bem viva e cheia de energia. Bem, estava viva, pelo menos. Um pouco sonolenta, muito satisfeita, e feliz por o fim das Guerras Urbanas, quase quarenta anos antes, ter dado origem ao feriado do Dia Internacional da Paz.

Talvez o domingo em junho tivesse sido escolhido arbitrariamente, e de forma simbólica — e talvez resquícios daquele período feio ainda manchassem a paisagem global naquele ano de 2060 —, mas Eve achava que as pessoas tinham direito às suas paradas, aos seus churrascos, aos discursos inflamados e aos longos fins de semana embriagados.

Pessoalmente, ela ficava satisfeita com qualquer motivo que lhe desse dois dias seguidos de folga. Especialmente quando um domingo começava assim.

Eve Dallas, polícia valente dos Homicídios, encontrava-se deitada, nua, sobre o seu marido, que acabara de lhe dar um vislumbre do Céu. Eve estava convencida de que lhe retribuíra do mesmo modo, já que ele se encontrava estendido debaixo dela, uma mão a acariciar-lhe preguiçosamente o traseiro e o coração a bater como um martelo pneumático.

Sentiu o seu gato gorducho, *Galahad*, saltar para a cama, agora que o espetáculo tinha acabado.

Eve pensou: *A nossa pequena família feliz, numa manhã de domingo em que não há nada para fazer.* E não era uma coisa maravilhosa? Tinha

uma pequena família feliz — um lar, um homem absurdamente atraente e fascinante que a amava, e — nunca era de mais salientar — sexo de primeira qualidade.

Já para não falar do dia de folga.

Eve ronronou, quase tão entusiasticamente como o gato, e esfregou o nariz na curva do pescoço de Roarke.

— Que bom.

— É o mínimo que se pode dizer. — Os braços dele, braços magníficos, rodearam-na, num gesto descontraído. — E o que te apetece fazer a seguir?

Ela sorriu, apreciando o momento, a cadência da Irlanda na voz dele, e o gato a roçar-lhe o braço, porque queria atenção.

Ou, mais provavelmente, queria o pequeno-almoço.

— Nada.

— Podemos não fazer nada.

Sentiu-o mudar de posição, e ouviu o gato ronronar com mais força, uma vez que as mãos que pouco antes tinham dado prazer a Eve estavam agora a acariciar *Galahad*.

Eve levantou a cabeça para olhar para Roarke. Os olhos dele abriram-se.

Caramba, davam *cabo* dela, aqueles olhos de um azul intenso, brilhante, as pestanas escuras, a expressão sorridente que era dela. Só dela.

Curvando-se, colou os seus lábios àquela boca mágica, num beijo profundo, sonhador.

— Bem, isso está longe de ser nada.

— Amo-te. — Eve beijou-lhe as faces, ligeiramente ásperas da barba que crescera durante a noite. — Talvez por seres tão bonito.

Ele era mesmo bonito, pensou Eve, enquanto o gato os interrompia, forçando a passagem por baixo do seu braço para se enfiar entre eles. Os lábios esculpidos, os olhos que enfeitiçavam, os ossos bem definidos, tudo emoldurado pelo cabelo preto de seda. Quando se acrescentava o corpo firme e esguio, o conjunto tornava-se perfeito.

Ele conseguiu contornar o gato para a beijar de novo, depois soprou de impaciência.

— Por que raio não vai ele chatear o Summerset para lhe dar o pequeno-almoço? — Roarke afastou o gato, que lhe fincou as patas e as garras, dolorosamente, no peito.

— Eu trato disso. Ia buscar café, de qualquer forma.

Eve rolou para fora da cama e caminhou — alta, esbelta, nua — até ao AutoChef do quarto.

— Custaste-me mais uma queca — resmungou Roarke para o gato.

Os olhos bicolores de *Galahad* cintilaram, talvez de divertimento, antes de ele saltar da cama.

Eve programou a ração e, como era dia de festa, um extra de atum. Quando o gato atacou a comida como se estivesse faminto, Eve programou duas chávenas de café, simples e forte.

— Pensei ir até lá abaixo fazer exercício, mas acho que já fizemos que chegue. — Bebeu o primeiro gole revitalizante de café, atravessando o quarto para voltar à plataforma e à cama do tamanho de um lago. — Vou tomar um duche.

— Faço-te companhia. — Roarke sorriu, recebendo a chávena da mão dela. — Uma segunda sessão de exercício. Muito saudável. Talvez seguida de um irlandês completo.

— Tu és um irlandês completo.

— Referia-me ao pequeno-almoço, mas podes ter os dois.

Ela parecia mesmo feliz, pensou Roarke, e repousada — e absolutamente deliciosa. O cabelo, cor de pele de veado, despenteado em redor da cara, aqueles grandes olhos escuros divertidos. A pequena covinha no queixo, que ele adorava e que se aprofundava um pouco mais quando ela sorria.

Havia algo no momento, pensou ele, em momentos como aquele, quando estavam em perfeita harmonia, que lhe pareciam milagrosos.

A polícia e o — antigo — criminoso: algo tão normal como a salada de batata do Dia da Paz.

Roarke observava-a por cima da chávena, através do vapor aromático.

— Estava aqui a pensar que devias usar essa indumentária mais vezes. É a minha favorita.

Eve pôs a cabeça de lado, bebeu mais café.

— Estava aqui a pensar que me apetece um duche bastante longo.

— Ora se não vem mesmo a calhar. Apetece-me o mesmo.

Eve bebeu o último gole de café.

— Então é melhor começarmos.

Mais tarde, com demasiada preguiça para se vestir, Eve enfiou um roupão enquanto Roarke programava mais café e um pequeno-almoço irlandês completo para dois. Era tudo tão… acolhedor, pensou ela. O sol da manhã entrava pelas janelas do quarto, que era maior do que o

apartamento onde ela vivia dois anos antes. Faziam dois anos de casados no mês seguinte, pensava Eve. Ele entrara na sua vida, e tudo mudara. Roarke encontrara-a; ela encontrara-o a ele, e todos aqueles lugares obscuros dentro de cada um deles tinham ficado um pouco mais pequenos, um pouco mais iluminados.

— O que queres fazer a seguir? — perguntou Eve.

Ele olhou para ela enquanto colocava pratos e café num tabuleiro, para levar para a zona de estar.

— Pensei que o que estava na agenda era não fazer nada.

— Pode não ser nada, ou pode ser alguma coisa. Ontem fui eu a escolher, e não fizemos nada. Deve haver alguma regra no casamento que diga que hoje é a tua vez de decidir.

— Ah, sim, as regras. — Ele pousou o tabuleiro. — Sempre a polícia.

Galahad aproximou-se para espreitar os pratos, como se não comesse há dias. Roarke apontou-lhe o dedo em jeito de aviso, e o gato virou a cabeça, como se estivesse repugnado, e começou a lavar-se.

— Então sou eu a escolher, é isso? — Começou a comer os seus ovos, refletindo. — Bem, vamos lá pensar. Está um bonito dia de junho.

— Merda.

Ele ergueu as sobrancelhas.

— Tens um problema com junho ou com dias bonitos?

— Não. Merda. Junho. O Charles e a Louise. — De sobrolho franzido, Eve mastigava *bacon*. — Casamento. Aqui.

— Exato. Sábado que vem, ao fim da tarde, e tanto quanto sei, está tudo sob controlo.

— A Peabody disse que como vou ser madrinha, ou lá o que é, da Louise, devo ligar-lhe todos os dias da semana para ver se ela precisa que eu faça alguma coisa. — Ao pensar em Peabody, a sua parceira, Eve ficou de sobrolho ainda mais franzido. — Não pode ser, pois não? Todos os dias? Valha-me Deus. E que raio havia ela de precisar que eu fizesse?

— Recados?

Eve parou de comer, estreitou os olhos.

— Recados? Que queres dizer com recados?

— Bem, não sou a pessoa mais indicada para saber, já que nunca fui noiva, mas queres o meu palpite? Confirmar pormenores com a florista ou a empresa de *catering*, por exemplo. Ir com ela às compras, para escolher sapatos de casamento ou roupa para a lua de mel, ou…

— Porque me fazes isto? — A voz de Eve estava tão ofendida como a

sua cara. — Como podes dizer-me essas coisas, depois de eu te ter posto nas nuvens duas vezes numa manhã? Isso é maldade.

— E seria, provavelmente, verdade noutras circunstâncias. Mas conhecendo a Louise, sei que ela tem tudo controlado. E conhecendo-te a ti, sei que se a Louise quisesse alguém que fosse com ela comprar sapatos, teria escolhido outra madrinha.

— Eu dei a festa de despedida de solteira. — Quando ele tentou conter o riso, Eve fincou-lhe um dedo no braço. — A festa foi aqui, e eu estava cá, por isso é como se tivesse dado a festa. E vou ter um vestido e tudo isso.

Ele sorriu, divertido com a perplexidade — e o ligeiro medo — de Eve no que tocava a ritos sociais.

— Como é esse vestido?

— Não tenho de saber como é, ao certo. É dum amarelo qualquer. A Louise escolheu a cor, e ela e o Leonardo decidiram tudo juntos. A médica e o estilista. A Mavis diz que é magnífico ao quadrado.

Eve pensou no estilo particular da sua amiga Mavis Freestone.

— O que é um pouco assustador, agora que penso nisso. Porque hei de estar a pensar nisso?

— Não faço ideia. Posso dizer que embora o gosto da Mavis, no que toca a moda, seja peculiarmente… peculiar, ela sabe o que te agrada, sendo a tua amiga mais chegada. E o Leonardo sabe exatamente o que te fica bem. Estavas deslumbrante no dia do nosso casamento.

— Tinha um olho negro por baixo da tinta.

— Deslumbrante, e igual a ti própria. Quanto às regras de etiqueta segundo a Peabody, eu diria que contactar a Louise não faria mal. Basta dizeres-lhe que estás disposta a ajudar se ela precisar de ti.

— E se ela precisar? Ela devia ter escolhido a Peabody para fazer isto, em vez de a pôr em segundo lugar na cadeia de comando. Ou seja lá o que for.

— Chama-se dama de honor.

— Seja lá o que for. — Eve afastou a expressão com um gesto de impaciência. — Elas são próximas, e a Peabody consegue mesmo entrar neste espírito… nesta coisa feminina.

Naquela insanidade, na opinião de Eve. O espalhafato, os folhos, o frenesim.

— Talvez seja estranho, por a Peabody ter estado, mais ou menos, envolvida com o Charles, antes de namorar com o McNab. E depois,

também. — Eve enrugou a testa, pensando no enredo daquela dinâmica. — Mas nunca foram para a cama, pessoal ou profissionalmente.

— Quem, o Charles e o McNab?

— Para. — Eve deu uma breve gargalhada antes de voltar a pensar em recados e compras. — A Peabody e o Charles nunca se puseram ao léu quando o Charles trabalhava como acompanhante. E, na verdade, é estranho que essa fosse a sua profissão quando ele e a Louise se envolveram, e durante todo aquele tempo que estiveram juntos, *e* a porem-se ao léu, ela não se importou que ele também andasse ao léu com outras pessoas, profissionalmente. Depois ele abandona o seu trabalho, sem lhe dizer nada, tira um curso de psicólogo, compra uma casa e pede-a em casamento.

Compreendendo o que se passava, Roarke deixou-a resumir os acontecimentos, palavras rápidas e lógica entrecortada, enquanto ela ia comendo ovos, batatas, *bacon*.

— Bem, diz-me o que te está a preocupar realmente.

Eve encheu o garfo de ovos, depois pousou-o e pegou na chávena de café.

— Não quero lixar isto. A Louise está tão feliz, estão os dois tão felizes, e isto é muito importante para ela. Eu entendo. Entendo muito bem, e fiz asneira no nosso. No nosso casamento.

— Deixa-me ser eu a avaliar isso.

— Fiz asneira, pois. Larguei tudo em cima de ti.

— Se bem me lembro, tinhas homicídios em mãos.

— Tinha, sim. E é claro que tu não tens nada que fazer para além de te sentares no alto das tuas pilhas gigantes de dinheiro.

Roarke abanou a cabeça e barrou um triângulo de torrada com compota.

— Cada um de nós faz o que faz, querida Eve. E acho que fazemos muito bem aquilo que fazemos.

— Passei-me e chateei-te na véspera do casamento.

— Isso só tornou as coisas mais excitantes.

— Acabei drogada e a apanhar porrada na minha própria despedida de solteira num clube de *striptease* antes de ser detida, o que em retrospetiva me parece divertido. Mas a questão é que não fiz o que era suposto, por isso não sei o que é suposto fazer agora.

Ele deu-lhe uma palmadinha carinhosa no joelho. Para uma mulher que às vezes era de uma coragem aterradora, Eve receava as coisas mais estranhas.

— Se ela precisar de alguma coisa, tu hás de saber o que fazer. E

deixa-me dizer-te, quando caminhaste ao meu encontro naquele dia, no nosso dia, sob o sol, pareceste-me uma chama. Linda e brilhante, e cortaste-me a respiração. Não havia mais nada, só tu.

— E cerca de quinhentos dos teus amigos mais próximos.

— Só tu. — Ele segurou-lhe a mão, beijou-a. — E vai acontecer o mesmo com a Louise e o Charles, aposto.

— Só quero que ela tenha aquilo que quer. Isto deixa-me nervosa.

— E a amizade é isso mesmo. Vais usar um vestido dum amarelo qualquer e vais estar ao lado dela. Não será preciso mais nada.

— Espero bem que sim, porque não lhe vou ligar todos os dias. Isso é certo. — Eve olhou para o seu prato. — Como é que alguém come um irlandês completo?

— Devagar e com grande determinação. Parece-me que não estás assim tão determinada.

— Não estou, não.

— Bem, se o pequeno-almoço está resolvido, já tenho a minha ideia.

— Quanto a quê?

— Quanto ao que fazer a seguir. Devíamos ir à praia, precisamos de areia e de ondas.

— Ideia aprovada. Jersey Shore, Hamptons?

— Estava a pensar em algo tropical.

— Não deves querer ir à ilha por um dia, e já nem temos o dia inteiro. — A ilha privada de Roarke era um dos lugares que eles preferiam, mas situava-se praticamente no outro lado do mundo. Mesmo voando no jato dele, levariam pelo menos três horas a chegar lá.

— Isso seria um pouco longe de mais para um impulso, mas há praias mais próximas. Estava a pensar num sítio nas Caimão, onde há uma pequena *villa* disponível para hoje.

— E sabes isso porque…?

— Pensei comprá-la — disse Roarke, descontraidamente. — Podíamos meter-nos no jato e chegar lá em menos de uma hora, desfrutávamos do sol e do mar, bebíamos uns *cocktails* ridículos. Terminávamos o dia com um passeio pela praia ao luar.

Eve deu por si a sorrir.

— É mesmo pequena, essa *villa*?

— Pequena o bastante para um destino de impulso, e espaçosa o bastante para nos permitir convidar alguns amigos, se estivéssemos nessa disposição.

— Já tinhas pensado nisto.

— Sim, e tinha posto a ideia no departamento do «se e quando». Se quiseres, podemos ir agora.

— Consigo vestir-me e pôr aquilo de que preciso numa mala em menos de dez minutos.

Eve levantou-se de imediato, foi direita à cómoda.

— Temos a mala feita — disse-lhe Roarke. — Para nós os dois. Caso fosse preciso.

Eve fitou-o.

— Nunca és apanhado desprevenido.

— É raro ter um domingo com a minha mulher. Gosto de aproveitar estas ocasiões ao máximo.

Eve pôs o roupão de lado para vestir um *top* branco simples, depois tirou um par de calções de cáqui da gaveta.

— Já começámos bem o dia. Assim, vamos terminá-lo em beleza.

No preciso instante em que Eve vestia os calções, o seu comunicador, em cima da cómoda, deu sinal.

— Raios. Porcaria. *Merda!* — Eve sentiu um aperto no estômago ao olhar para o ecrã. Voltou-se para Roarke com uma expressão de remorso, como quem pedia desculpa. — É o Whitney.

Roarke viu-a assumir a cara e a postura de polícia ao pegar no comunicador para responder ao seu comandante. E pensou: *Bem, é pena*.

— Sim, comandante.

— Peço desculpa por interromper o seu fim de semana. — A cara grande de Whitney encheu o pequeno ecrã, e o seu semblante carregado provocou um arrepio na nuca de Eve.

— Não há problema, comandante.

— Sei que não está de serviço, mas temos uma situação urgente. Preciso que se apresente no número 541 de Central Park South. Encontro-me neste momento no local do crime.

— O comandante está no local?

— Afirmativo. A vítima é Deena MacMasters, dezasseis anos de idade. O corpo foi descoberto esta manhã pelos seus pais, quando regressaram a casa depois de passarem o fim de semana fora. Dallas, o pai da vítima é o capitão Jonah MacMasters.

Eve precisou de um momento.

— Combate ao tráfico de estupefacientes. Sei quem é o tenente MacMasters. Ele foi promovido?

— Há duas semanas. O MacMasters pediu-me especificamente para lhe atribuir a investigação a si. Eu gostava de satisfazer este pedido.

— Vou contactar imediatamente a inspetora Peabody.

— Eu encarrego-me disso. Gostava que viesse para cá o mais depressa possível.

— Estou a caminho.

— Obrigado.

Eve terminou a chamada, voltou-se para Roarke.

— Desculpa.

— Nada disso. — Foi ter com ela, pousou-lhe um dedo na covinha do queixo. — Um homem perdeu a filha, e isso é muito mais importante do que um dia de praia. Conhece-lo?

— Não propriamente. Ele contactou-me depois de eu ter detido o Casto. — Eve pensou no polícia corrupto que a perseguira na sua festa de despedida de solteira. — O MacMasters não era o tenente dele, mas quis felicitar-me por ter fechado o caso, e por ter exposto um polícia corrupto. Gostei do gesto. Ele tem uma reputação sólida — continuou enquanto trocava os calções turísticos por calças de trabalho. — Uma reputação mesmo muito sólida. Não sabia que tinha sido promovido, mas não me admira.

Passou os dedos pelo seu cabelo de pontas irregulares.

— Ele é polícia há vinte anos, pelo menos. Talvez há vinte e cinco. Dizem que é exigente consigo próprio e com os que trabalham sob o seu comando. Fecha casos.

— Parece alguém que eu conheço.

Eve tirou uma camisa do roupeiro.

— Talvez.

— O Whitney não te disse como é que a rapariga foi morta.

— Ele quer, e precisa, que eu olhe para o corpo sem ideias feitas. Não disse que era homicídio. Cabe-me a mim e ao médico-legista determinar se foi ou não.

Colocou o seu coldre com a arma. Enfiou o comunicador e o *link* no bolso, guardou as algemas. Não se deu ao trabalho de franzir o sobrolho quando Roarke tirou do roupeiro um casaco leve de verão, para ela cobrir a arma.

— O Whitney estar no local significa uma de duas coisas — continuou Eve. — É um caso bicudo, ou ele e o pai da vítima são amigos. Talvez uma coisa e outra.

— Para ele estar no local…

— Sim. — Eve sentou-se para calçar as botas que preferia usar para o trabalho. — A filha dum polícia. Não sei quando volto.

— Não te preocupes.

Eve parou, olhou para ele, pensou na mala feita para o caso de ser preciso, e em passeios sob o luar tropical.

— Podias ir até lá, ver se essa *villa* te agrada.

— Tenho trabalho suficiente para me manter ocupado aqui. — Quando ela se levantou, pousou-lhe as mãos nos ombros, encostou os lábios aos dela. — Diz-me alguma coisa, depois de perceberes melhor a situação.

— Sim. Vemo-nos mais logo.

— Tenha cuidado consigo, tenente.

Eve correu escada abaixo, mal abrandando quando Summerset, o braço-direito de Roarke e a pedra no sapato dela, se materializou no vestíbulo.

— Tinha ficado com a impressão de que estava de folga até amanhã.

— Encontraram um cadáver, que infelizmente não é o seu. — Depois, Eve parou à porta. — Convença-o a fazer alguma coisa que não seja trabalhar. Lá porque eu tenho de… — Encolheu os ombros, e saiu para ir ao encontro da morte.

Poucos polícias se podiam dar ao luxo de morar numa residência na periferia verde de Central Park. Pensando melhor, poucos polícias — a não ser ela, na verdade — viviam num raio dum castelo num feudo em Manhattan. Curiosa relativamente às finanças do MacMasters, já que podia pagar aquela casa, Eve fez uma breve pesquisa sobre o capitão enquanto circulava pelas ruas pouco movimentadas naquela manhã de feriado.

MacMasters, capitão Jonah, lia-se no computador do painel, nascera a 22 de março de 2009 em Providence, Rhode Island. Os pais eram Walter e Marybeth, cujo apelido de solteira era Hastings. MacMasters frequentara a Stonebridge Academy e prosseguira os estudos em Yale, onde se licenciara em 2030. Casara com Franklin, Carol, em 2040, com quem tivera uma filha, Deena, nascida a 23 de novembro de 2043. Entrara ao serviço da NYPSD[1] a 15 de setembro de 2037. Os louvores e condecorações incluíam…

[1] Polícia e Departamento de Segurança de Nova Iorque, em português. (N. de T.)

— Saltar essa parte. Finanças. De onde vem o dinheiro?

Aguarde… Fortuna atual avaliada em cerca de oito milhões e seiscentos mil dólares. Herdou uma parte dos bens do avô, MacMasters, Jonah, falecido de causas naturais a 6 de junho de 2032, fundador da Mac Kitchen and Bath, sediada em Providence. A empresa está atualmente avaliada em…

— É suficiente. Tenho a resposta que procurava.

Dinheiro de família, pensou Eve. Estudou em Yale, e acabou na Divisão de Estupefacientes em Nova Iorque. Interessante. Um casamento de vinte anos, condecorações e louvores pelo seu desempenho na Polícia. Promovido a capitão. Todos aqueles dados corroboravam o que Eve sabia dele.

Um percurso sólido.

E agora aquele homem de percurso sólido pedira especificamente que fosse ela a responsável pela investigação da morte da sua única filha. *Porquê?*, interrogou-se Eve.

Não deixaria de lhe perguntar.

Tendo chegado à morada indicada, estacionou atrás de um carro-patrulha. Ao ligar o seu sinal luminoso «Em Serviço», olhou para o edifício. Bonita casa, pensou, tirando o seu *kit* para uso no terreno. E, correndo o risco de usar demasiadas vezes a palavra, diria que era uma casa sólida.

Construção pré-Guerras Urbanas, com um bom trabalho de reabilitação que mantivera as características originais, com algumas marcas. Tinha um aspeto distinto, pensou Eve, com o seu tijolo rosado, o friso de cor creme, as janelas grandes — de momento com telas de privacidade ativadas, sem exceção.

Vasos com flores coloridas guardavam ambos os lados do pequeno lanço de escadas, um toque agradável, supunha Eve. No entanto, ao atravessar o passeio na direção da casa, Eve estava mais interessada no sistema de segurança.

Câmaras a cobrir toda a área, ecrã de monitorização, leitor de impressão digital e, Eve seria capaz de apostar, fechaduras que requeriam reconhecimento de voz e código de acesso. Um polícia, e em particular um polícia com dinheiro, faria questão de proteger bem a sua casa e tudo… todos os que lá se encontravam.

E, apesar disso, a sua filha adolescente estava morta na sua própria casa.

Nunca era possível prevenirmo-nos contra todos os perigos.

Eve tirou o distintivo do bolso, mostrou-o ao agente que se encontrava à porta e prendeu-o ao cinto.

— Aguardam-na lá dentro, tenente.

— Foi o primeiro a chegar ao local?

— Não, tenente. O primeiro agente no local está lá dentro com o comandante e o capitão e a sua esposa. Eu e o meu parceiro fomos chamados pelo comandante. O meu parceiro está nas traseiras.

— Certo. A minha parceira está a chegar. Peabody, inspetora.

— Estou a par, tenente. Eu indico-lhe o caminho.

Não era um novato, pensou Eve, enquanto ele lhe dava passagem. Tinha um ar experiente e duro. Teria sido Whitney a chamá-lo, ou o capitão?

Eve olhou para a esquerda, para a direita, e imaginou vizinhos, que estivessem acordados e em casa, a observar a cena, mas demasiado educados, ou intimidados, para saírem e bisbilhotarem de forma óbvia.

Entrou num vestíbulo fresco e amplo, com uma escada central. Sobre a mesa havia flores, muito viçosas. Com um dia, talvez dois. Uma taça com rebuçados coloridos. Tudo em tons suaves, quentes. Não havia nada fora do sítio, a não ser um par de sandálias roxas brilhantes — uma debaixo e outra ao lado de um cadeirão.

Whitney saiu de uma porta à esquerda. O seu corpo grande ocupava a passagem. A sua cara escura estava vincada de preocupação, e Eve viu tristeza nos seus olhos.

Ainda assim, quando falou, a voz soou neutra. E todos aqueles anos como polícia mantinham-lhe as costas direitas.

— Tenente, estamos aqui na sala. Se não se importar de nos dar um momento antes de subir.

— Sim, senhor.

— Antes de mais, quero agradecer-lhe por ter aceitado este caso. — Quando Eve hesitou, ele quase sorriu. — Se não lhe apresentei a situação como uma escolha, devia tê-lo feito.

— Isso não está em questão, comandante. Se o capitão me quer neste caso, estou ao seu dispor.

Anuindo, Whitney recuou para a deixar passar.

Eve sentiu um ligeiro sobressalto, tinha de admitir, ao ver a Sr.ª Whitney. A mulher do comandante intimidava-a, com a sua postura formal e distante, e o seu sangue azul. Mas de momento ela parecia

completamente empenhada em consolar a mulher sentada ao seu lado num pequeno sofá, na encantadora sala de estar.

Carol MacMasters, concluiu Eve, uma mulher de pequena estatura, bonita e morena, a contrastar com a elegância loura de Anna Whitney. Nos seus olhos pretos inundados de lágrimas, Eve leu confusão e uma tristeza devastadora. Os seus ombros delicados tremiam, como se ela estivesse sentada nua sobre gelo.

MacMasters pôs-se de pé quando Eve entrou. Devia ter um pouco mais de metro e noventa, e era muito magro, com membros compridos. Tendo regressado de uma breve viagem de fim de semana, trazia roupa informal, calças de ganga e *t-shirt*. O cabelo, escuro como o da sua mulher, tinha caracóis apertados, e mantinha-se farto e espesso em redor da cara magra. As bochechas tinham sulcos profundos, que deviam ter sido covinhas quando ele era jovem. Os olhos, de um verde-claro, quase enevoado, fixaram os de Eve. Naquele olhar Eve leu dor e choque, e raiva.

Ele foi ao seu encontro, estendeu-lhe uma mão.

— Obrigado, tenente… — Parecia ter ficado sem palavras.

— Capitão, lamento profundamente a sua perda.

— É ela? — Carol levantou-se a custo, com as lágrimas a correrem-lhe pelas faces. — É a tenente Dallas?

— Sim, minha senhora. Sr.ª MacMasters…

— O Jonah disse que tinha de ser a tenente. Que a tenente é a melhor na sua área. Vai descobrir quem… como… Mas nada a trará de volta. Nada trará a minha menina de volta. Ela está lá em cima. Está lá em cima, e eu não posso estar com ela. — A sua voz, rouca de dor, aproximou-se da histeria. — Não me deixam ficar com ela. Está morta. A nossa Deena está morta.

— Vamos, Carol, tens de deixar a tenente fazer o seu trabalho. — A Sr.ª Whitney levantou-se e pôs um braço em redor de Carol.

— Não posso ficar ao pé dela? Não posso…

— Em breve — murmurou a Sr.ª Whitney. — Em breve. Eu fico aqui contigo. A tenente vai cuidar muito bem da Deena. Vai cuidar bem dela.

— Acompanho-a lá acima — disse Whitney. — Anna.

A Sr.ª Whitney anuiu.

Formal e intimidante, pensou Eve, mas saberia lidar com uma mãe e um pai destroçados.

— Tens de ficar aqui em baixo, Jonah. Eu não me demoro. Tenente.

— São amigos dos pais da vítima? — perguntou Eve.

— Sim. A Anna e a Carol trabalham em algumas comissões juntas, e passam tempo uma com a outra. Convivemos socialmente. Trouxe a minha mulher para dar apoio, como amiga, à mãe da vítima.

— Sim, comandante. Acredito que ela será uma grande ajuda nessa área.

— Isto é difícil, Dallas. — Com um peso na voz, Whitney começou a subir a escada. — Conhecemos a Deena desde pequena. Posso dizer-lhe que ela era a alegria dos pais. Uma rapariga muito inteligente, encantadora.

— Pelo que vi, a casa tem um excelente sistema de segurança. Sabe se estava ativado esta manhã, quando os MacMasters regressaram?

— Nas fechaduras, sim. O Jonah viu que as câmaras tinham sido desativadas, e que os discos dos últimos dois dias foram removidos. Ele não tocou em nada — acrescentou Whitney, virando à esquerda ao cimo da escada. — Não deixou a Carol tocar em nada, a não ser na filha. E impediu-a de deslocar o corpo ou de mexer no que quer que fosse. Acho que todos compreendemos que tenha havido alguns momentos de choque.

— Sim, senhor. — Era estranho, ocorreu a Eve, e desconfortável estar na posição de entrevistar o seu comandante. — Sabe a que horas chegaram a casa, esta manhã?

— Às 8h32, precisamente. Tomei a liberdade de verificar o registo da fechadura, que confirmou o que me disse o Jonah. Envio-lhe uma cópia das declarações dele do meu *link* de casa. Ele contactou-me de imediato, a pedir que o caso lhe fosse entregue a si, e a solicitar a minha presença, se possível. Não selei o local… o quarto dela. Mas está isolado.

Indicou a porta do quarto, recuou.

— É melhor eu descer, deixá-la prosseguir. Quando a sua parceira chegar, envio-a diretamente para cima.

— Sim, comandante.

Ele anuiu de novo, e suspirou, olhando para a porta aberta do quarto.

— Dallas… é muito difícil.

Eve esperou até ele se afastar e começar a descer a escada. Sozinha, entrou no quarto e olhou para o corpo da jovem Deena MacMasters.

CAPÍTULO 2

— Gravador ligado. Dallas, tenente Eve, no local, MacMasters, Deena, vítima.

Deu uma primeira vista de olhos ao quarto enquanto tirava o *Seal-It* do seu *kit*, para proteger as mãos e as botas. Uma divisão ampla, alegre e arejada, uma janela tripla — telas de privacidade ativadas — com vista para o parque. Um banco acolchoado, com almofadas decorativas, encontrava-se sob o vidro. *Posters* de músicos populares, atores, personalidades, cobriam as paredes de um violeta suave. Eve sentiu um aperto no estômago ao ver um *poster* da sua amiga Mavis Freestone, cabelo azul a esvoaçar, braços erguidos em triunfo, com o título *Motherhood Rocks!*[2]

Sob a imagem, Eve reconheceu a letra grande, confiante de Mavis.

EI, DEENA,
TU TAMBÉM ÉS O MÁXIMO!
MAVIS FREESTONE

Teria Deena empurrado o *poster* para a frente de Mavis num qualquer concerto ou evento, e tê-lo-ia Mavis — com o seu riso efervescente — assinado com a caneta roxa de Deena? Ruído, luzes, cor, imaginou Eve, e vida. Uma recordação excitante para uma jovem de dezasseis anos, que não podia imaginar que lhe restasse tão pouco tempo para a apreciar.

Uma parte do quarto era destinada ao estudo e aos trabalhos da

[2] «A Maternidade é o Máximo!» (N. de T.)

escola, com uma secretária branca reluzente, uma estante, computador e centro de comunicação sofisticados, discos — tudo meticulosamente arrumado. Uma segunda área, pensada para momentos de lazer, possivelmente na companhia de amigas, estava também arrumada e aparentemente inalterada, com almofadas gordas, mantas delicadas, animais de peluche provavelmente colecionados ao longo da infância.

Uma escova de cabelo e um espelho de mão, alguns frascos coloridos, uma taça com conchas e um trio de fotografias emolduradas encontravam-se sobre a cómoda do mesmo branco reluzente da secretária.

Tapetes espessos de cores fortes sobressaíam no chão de madeira brilhante. O mais próximo da cama, notou Eve, estava de lado. O assassino tinha-o empurrado ou tropeçado nele. Ou talvez tivesse sido a vítima.

Um par de cuecas (simples, brancas, sem adornos) estava caído junto ao tapete.

— Ele tirou-lhe as cuecas — disse Eve em voz alta —, atirou-as para o lado.

Sobre as mesas de cabeceira, estavam candeeiros elegantes, com abajures aos folhos e borlas. Também um dos abajures estava amolgado na base. Uma pancada de um braço ou cotovelo. Tudo o resto em volta da cama revelava um gosto pela ordem e a precisão, por coisas bonitas, femininas.

Não era por ter dezasseis anos que a vítima deixara de ser criança, pensou Eve, mas talvez estivesse a fazer projeções. Aos dezasseis anos, Eve estava a contar os dias para atingir a maioridade legal e escapar ao sistema de acolhimento do Estado. No seu mundo não havia cor-de-rosa, nem folhos, nem peluches felpudos adorados.

Ainda assim, sentia que estava no quarto de uma rapariga com os pés ainda bem firmes na infância, uma jovem que mal se aproximara da mulher que poderia ter sido. Uma rapariga que morrera a viver o pior pesadelo de uma mulher.

No centro do quarto bonito, alegre, a cama revelava uma violência terrível. Os lençóis brancos e rosa, com manchas de sangue cor de ferrugem, rodeavam o corpo como uma corda. Ele usara-os para prender os pés da vítima à estrutura da cama, de modo a manter-lhe as pernas abertas.

Ela debatera-se — os hematomas e feridas nos tornozelos, nas coxas, onde a saia estava amarfanhada, mostravam que ele a violara com uma violência terrível. Junto à cama, Eve debruçou-se sobre o corpo

para observar as algemas da Polícia que lhe prendiam as mãos atrás das costas.

— Algemas de polícia. A vítima é filha dum polícia. Indícios de luta, hematomas e lacerações nos pulsos. Ela deu luta. Não há sinais de mutilação. Alguns hematomas no rosto indiciam golpes físicos, os hematomas no pescoço indicam estrangulação manual.

Eve abriu a boca da vítima, usou a sua pequena lanterna e a lupa.

— Alguns fios e tecido nos dentes, na língua, sangue nos lábios, nos dentes. Ela mordeu o lábio, com força. Vestígios de sangue e, possivelmente, saliva na fronha. Ao que parece, ele usou a almofada para a sufocar. As roupas estão desviadas, mas não foram removidas, a camisa está rasgada nos ombros, faltam botões. Ele puxou-lhe a roupa com violência — continuou Eve, observando o corpo da cabeça para os pés. — Afastou a roupa do caminho, mas não estava muito interessado nos preliminares de um violador.

Com cuidado e determinação, embora sentisse a boca seca e a nuca a latejar, Eve examinou os danos causados por aquela violação cruel.

— Tortura. Estrangulação, sufocamento, violação, estrangulação, sufocamento, violação. Vaginal e anal. Repetidamente, a avaliar pela quantidade de hematomas e feridas. — Eve sentiu dificuldade em respirar, como se os seus pulmões quisessem fechar-se, e obrigou-se a expelir o ar que tinha no peito. Inspirou. Expirou de novo. — O sangue da zona vaginal sugere que a vítima podia ser virgem. A confirmar pelo médico-legista.

Endireitou-se, e teve de respirar fundo algumas vezes, para se acalmar. Não podia dar-se ao luxo de desligar o gravador até se recompor, não podia deixar que a gravação revelasse como as suas mãos queriam tremer, como o seu estômago se embrulhava.

Eve sabia o que era uma pessoa sentir-se impotente como a vítima se sentira, torturada e aterrorizada como a vítima se sentira.

— Ao que parece, nesta altura o sistema de segurança mantinha-se ativo. As câmaras foram posteriormente desligadas e os discos levados da residência. Não há sinais visíveis de entrada forçada. Caberá à equipa forense confirmar. Ela abriu a porta; deixou-o entrar. Filha de polícia. Ela conhecia-o, confiava nele. Violação e homicídio cara a cara. Ele conhecia-a, queria ver a cara dela. Pessoal, muito pessoal.

Agora mais calma, Eve tirou do *kit* o dispositivo para determinar a hora a que a vítima morrera.

— Hora da morte: 3h26. A investigadora responsável conclui que se

tratou de violação-homicídio, a confirmar pelo médico-legista. Pede-se que a autópsia seja realizada pelo Dr. Morris, caso ele esteja disponível.

— Dallas.

Dava para perceber até que ponto Eve mergulhara no momento, e no passado. Fora demasiado fundo para se dar conta da chegada da sua parceira. Obrigou-se a assumir uma expressão neutra e voltou-se para Peabody, que se encontrava à entrada no quarto.

— A miúda sofreu uma morte cruel — disse Eve. — Lutou com quantas forças tinha, e teve uma morte terrível. Não encontrei vestígios de pele sob as unhas, mas há muitos vestígios nos lençóis. Parece que ele lhe pressionou a cara com a almofada, ela mordeu o próprio lábio. E o mais provável é terem sido múltiplas violações; talvez a luta o tenha excitado. Estrangulou-a, também. Devemos conseguir determinar o tamanho da mão dele pelos hematomas.

— Eu conhecia-a.

Instintivamente, Eve deu um passo ao lado, bloqueando a vista que Peabody tinha do corpo, e obrigando-a a olhar para si.

— Como?

A tristeza, simples e sincera, brilhava nos olhos castanho-escuros de Peabody.

— Quando eu entrei para a Polícia, fizemos uma espécie de serviço público nas escolas. — Peabody pigarreou, apertou os lábios. — Ela era o meu contacto, uma espécie de estudante-guia. Uma miúda querida, esperta. Ela devia ter uns onze ou doze anos, na altura. Eu tinha acabado de chegar a Nova Iorque, também, e ela deu-me algumas dicas… onde fazer compras, esse tipo de coisa. E, eh, no ano passado, ela fez um trabalho sobre os *Free-Agers* para a escola. — Peabody fez uma pausa, ocupando-se a aplicar o selante. — Contactou-me, e eu ajudei-a, dei-lhe algumas informações e contei-lhe histórias pessoais.

— Isto vai ser um problema para ti?

— Não. — Respirando fundo, Peabody afastou o seu cabelo escuro da cara, passou os dedos pelas pontas reviradas. — Não. Ela era uma miúda simpática, e eu gostava dela. Gostava muito. Quero descobrir quem lhe fez isto. Quero apanhar o filho da mãe.

— Começa por verificar a segurança, os equipamentos eletrónicos da casa. Procura sinais de entrada forçada. — Era uma casa grande, pensou Eve. Aquele trabalho demoraria algum tempo, tempo bastante para Peabody entrar em modo de polícia. — Precisamos de verificar todos

os *links*, de copiar todos os registos. A equipa forense tem de avançar, mas quero que este caso seja designado Código Amarelo. Não vamos bloquear os média, não podemos fazer isso com um polícia envolvido, mas também não quero a informação mais sumarenta revelada. Quero o Morris a trabalhar neste caso, se possível.

— Ele já voltou?

— Estava previsto regressar da licença amanhã. Se ele estiver por cá e disposto a trabalhar nisto, quero-o a ele.

Peabody anuiu, tirou o seu comunicador do bolso.

— Sendo a filha de um polícia, acho que queremos o Feeney.

— Achas bem, e chama o teu namorado de traseiro magricela. O Feeney vai precisar da ajuda dele, por isso vamos pôr a equipa da DDE[3] já em ação.

— Ele está à espera da minha chamada. Quando o Whitney me contactou, pedi-lhe que esperasse pelo meu sinal. Se estiveres pronta para deslocar o corpo, dou-te uma ajuda.

Eve ouviu a mensagem sob as palavras. *Preciso de fazer isto. Preciso de provar que sou capaz.*

Eve deu um passo atrás, virou-se para o corpo.

— Ele não removeu a roupa. Rasgou-a um pouco, afastou-a do caminho. É mais um indício de que isto não foi sexual, e não teve propriamente que ver com humilhação, mas sobretudo com castigo, com violência, com a vontade de causar dor. Ele não se deu ao trabalho de a despir, de a expor. Aos três — disse Eve, e contou, para virarem o corpo juntas, colocando-o de bruços.

— Valha-me Deus. — Peabody inspirou, expirou. — Esse sangue não pode ser todo da violação. Acho que… ela era virgem. E isto são algemas da Polícia. Usar estas algemas, prender-lhe as mãos atrás das costas? Está a deixar uma mensagem com o primeiro ato e a causar-lhe mais dor com o segundo, não te parece? Repara como as algemas lhe feriram os pulsos, sob o peso do corpo. Ele podia tê-la algemado à cabeceira. Já seria mau o bastante.

— Tem que ver com dor — disse Eve, laconicamente. — A dor dá-lhe mais controlo sobre a vítima. Sabes alguma coisa sobre os amigos dela? Namorados, homens?

— Não, nem por isso. Quando eu a estava a ajudar com o

[3] Divisão de Deteção Eletrónica. (N. de T.)

trabalho para a escola, perguntei-lhe se tinha namorado, como é normal perguntar.

Enquanto falava, Peabody começou a examinar o quarto. Estava a voltar ao seu papel, concluiu Eve, a assumir a postura de polícia.

— Ela corou e disse que não pensava muito em namorados, porque estava concentrada nos estudos. Ah, ela gostava muito de música e de teatro, mas queria estudar filosofia e culturas alternativas. Falava em entrar para o Corpo da Paz ou para o Education For All, depois da faculdade.

Tímida, pensou Eve, usando as impressões de Peabody para a ajudar a fazer um retrato da vítima. Idealista, levava os estudos a sério.

— E quando nos encontrámos naquele cibercafé para fazer a pesquisa — continuou Peabody —, o McNab foi ter comigo quando estávamos a terminar. Ela também se mostrou muito tímida com ele. Voltou a corar. Acho que ainda se sentia pouco à vontade com rapazes. É assim com algumas raparigas.

— Certo. Começa a tratar do resto. Eu acabo isto aqui.

Tímida com rapazes, pensou Eve. Os pais tinham ido passar o fim de semana fora. As pessoas idealistas tendiam a ser ingénuas, especialmente na juventude.

Talvez dar o salto, deixar o rapaz/homem entrar. Eve olhou novamente para as roupas rasgadas.

Uma saia bonita, um *top* de boa qualidade. A vítima podia ter-se arranjado um pouco só para si, mas não era provável que se desse a mais algum trabalho se tivesse um encontro? Brincos, uma pulseira — que devia tê-la magoado ainda mais com as algemas. Unhas dos pés e das mãos pintadas. Maquilhagem, notou Eve, depois de colocar uns micro-óculos e de lhe observar atentamente a cara. Manchada das lágrimas, da luta, da pressão da almofada.

As adolescentes maquilhavam-se para passarem a noite em casa?

Teria ela saído e trazido alguém para casa com ela? Um encontro que acabara muito mal?

— Deixou-o entrar ou veio para casa com ele. Não há sinais de terem estado enrolados na sala, mas podem ter estado noutro sítio. Não terias tido a oportunidade de pôr tudo em ordem. Entraste, atiraste as tuas sandálias roxas para o lado, em algum momento do dia ou da noite. Talvez tenha sido ele a pôr a sala em ordem. Trouxeste-o cá para cima, Deena? Para o teu quarto? Não parece algo que uma rapariga sexualmente inexperiente fosse fazer, mas há sempre uma primeira vez. Aqui também não

há sinais de luta, a não ser na cama. O que reforça a ideia de luta depois de a vítima estar algemada. Terá ele arrumado o quarto, também? Porque havia de o fazer? Não, foi ele que te trouxe cá para cima. Não — disse Eve, devagar. — Tu não atiraste as sandálias para o lado. És demasiado arrumada, por natureza, para isso. Elas caíram, caíram-te dos pés quando ele te obrigou a vir, ou te carregou, cá para cima. Exame toxicológico urgente.

Eve respirou fundo. Agora era mais fácil, pensou, agora que falara com Peabody, e que encontrara o lugar certo, dentro de si, onde enterrar o passado, mais uma vez.

Deixando o corpo, começou a inspecionar o quarto.

Roupas de boa qualidade, reparou, bons tecidos e a habitual espantosa — para Eve — coleção de sapatos. Uma coleção ainda mais vasta de livros em disco — ficção e não-ficção. Uma enorme coleção de discos de música, e uma inspeção rápida da lista de um *Tunes* roxo revelou inúmeros *downloads* de música.

Não havia um diário secreto escondido dos olhares parentais, nem um portátil pessoal. Nem tão-pouco um *link* pessoal.

Eve passou a última comunicação registada no *link* de secretária e ouviu até ao fim uma conversa animada entre a vítima e uma rapariga a quem ela chamava Jo: tinham falado sobre planos para irem às compras, sobre música, sobre o irritante irmão mais novo de Jo. Nem uma palavra sobre rapazes. Então as raparigas adolescentes não viviam obcecadas com rapazes?

E não tinham mencionado planos para sábado à noite.

Na casa de banho, Eve encontrou os mesmos tons de violeta e branco, e a mesma ordem e arrumação. Maquilhagem — muitos, muitos batons parcialmente usados. Não havia preservativos escondidos, nem qualquer espécie de contracetivo. Nenhum indício de que a vítima tencionasse ter sexo.

Ainda assim, pensou Eve, ela deixara o seu assassino entrar, ou levara-o para casa consigo.

Ao sair, Eve parou uma vez mais junto à cama.

— A vítima pode ser colocada num saco identificado e transportada para a morgue. — Saiu do quarto e deu ordem a um dos agentes para ficar à porta até os peritos forenses e a carrinha da morgue chegarem.

Em seguida, Eve inspecionou os outros quartos do andar superior. A *suite* principal estava decorada em cores suaves, tranquilizantes, e tinha

uma cama grande com a cabeceira estofada. Duas malas de fim de semana estavam caídas ao lado de um cadeirão, como se tivessem sido largadas ou derrubadas.

MacMasters devia tê-las levado para o quarto, calculou Eve, enquanto a sua mulher ia ao quarto de Deena certificar-se de que estava tudo bem. Ao ouvir o grito, MacMasters largara as malas e correra para o quarto da filha.

Nenhuma das outras divisões — dois escritórios, uma sala de entretenimento, mais duas casas de banho, e o que Eve julgou ser um quarto de hóspedes — parecia ter sido perturbada.

No piso inferior, Eve colocou um marcador junto às sandálias, depois foi procurar Peabody.

— O que me parece — disse Peabody — é que o sistema de segurança e as fechaduras foram acionados a partir do interior. Não há sinais de manipulação. Veremos o que diz a DDE, mas parece que o sistema foi reativado cá dentro, e que as câmaras foram depois desligadas na fonte. O último disco que aqui está é de sábado. Passei-o no meu portátil de bolso. Vê-se a vítima a chegar a casa, sozinha, pouco depois das seis da tarde. Trazia um par de sacos de compras, ambos da Girlfriends. É uma loja cara, que tem adolescentes e estudantes universitárias como público-alvo. Fica no cruzamento da 5th com a 58th.

— Vamos lá fazer perguntas, saber o que ela comprou e se estava sozinha. Tinha combinado ir às compras com uma amiga no sábado. Não encontrei qualquer *link* ou portátil pessoal, nem transmissões na unidade de secretária, para além da conversa com a amiga e outras duas com os pais, nas últimas quarenta e oito horas. Encontrei oito malas de mão, todas vazias.

— Nas imagens da câmara, ela trazia uma mala em palhinha branca com fivelas prateadas.

— Não vi nada assim no quarto. Inspeciona os armários e as zonas de arrumação comum. Estas pessoas são organizadas. Talvez tenham um lugar para esse tipo de coisas. Ela estava a usar sandálias roxas?

— As que estão no vestíbulo? Não, trazia uns *skids* azuis.

— Certo.

— Dallas, outra coisa. A sala de monitoração? Tem código de acesso. Também não há lá sinais de manipulação que eu consiga ver. Ou ela desligou o sistema, ou deu o código ao assassino. Ou ele é realmente bom a manipular sistemas.

— Ela ter-lhe-ia dito qualquer coisa se ele prometesse parar. Mas os peritos vão analisar os equipamentos.

— Estava um copo no balcão da cozinha. Coloquei-o num saco de provas. Não há mais nada fora do sítio, por isso achei estranho o copo estar ali. Também verifiquei o registo do AutoChef. A Deena programou duas *pizzas* individuais às 18h30 de ontem. Uma vegetariana, outra de carne. Ela tinha companhia, Dallas.

— Sim, tinha companhia. Vou falar com o MacMasters e com a mulher dele. A equipa forense deve chegar a qualquer momento. Supervisiona o trabalho, sim?

Eve voltou à sala. Anna Whitney estava sentada ao lado de Carol, como um elegante cão de guarda. MacMasters sentara-se do outro lado, e segurava a mão da mulher na sua. Whitney encontrava-se de pé, a olhar pela janela da frente.

A Sr.ª Whitney foi quem primeiro se voltou para ela, e Eve pôde ver, por um breve instante, o cão de guarda indefeso. Uma dor profunda ardia-lhe nos olhos, e sob essa dor Eve leu claramente uma súplica.

Ajude-nos.

MacMasters endireitou-se quando Eve entrou, assumindo uma postura rígida.

— Lamento incomodar. Sei que é um momento muito difícil.

— Tem filhos? — perguntou Carol, inexpressivamente.

— Não, minha senhora.

— Então não pode saber, pois não?

— Carol — murmurou MacMasters.

— Tem razão — disse Eve, sentando-se à frente do trio no sofá. — Não posso saber. Mas uma coisa sei, Sr.ª MacMasters. Vou fazer tudo ao meu alcance para encontrar a pessoa responsável pelo que aconteceu à sua filha. Vou garantir que tudo o que pode ser feito é feito. Vou cuidar dela, prometo-lhe.

— Deixámo-la sozinha, compreende? Deixámo-la.

— Ligaram-lhe duas vezes. Certificaram-se de que ela estava tão segura quanto possível — disse Eve enquanto Anna enchia o peito de ar para falar. — Cabe-me observar e analisar, e pelo que observei até agora, vocês são bons pais, dedicados. Não são responsáveis por isto. Vou encontrar o responsável. Podem ajudar-me, agora, respondendo a algumas perguntas.

— Voltámos mais cedo. Queríamos fazer-lhe uma surpresa. Íamos

sair para um grande *brunch* de feriado, e depois íamos a uma *matinée*. Ela adorava ir ao teatro. Era uma surpresa.

— Quando tinham planeado regressar a casa?

— Inicialmente, tínhamos pensado voltar ao fim da tarde — respondeu MacMasters. — Partimos sexta-feira depois de almoço, apanhámos um vaivém para Interlude, uma pousada nas Smoky Mountains, no Tennessee. Eu e a Carol reservámos um fim de semana tranquilo para celebrar a minha promoção. — Clareou a voz. — Fiz a reserva há dez dias. Já lá tínhamos estado os três, mas…

— A Deena queria que aproveitássemos a viagem sozinhos — disse Carol. — Costumamos ir juntos, mas desta vez… Devíamos ter insistido com ela para ficar com os Jennings. Mas ela tem quase dezassete anos, e é tão responsável. Para o ano já vai para a faculdade, por isso achámos, achámos que…

— Os Jennings são amigos da família?

— Sim. O Arthur e a Melissa. A filha deles, a Jo, é a melhor amiga da Deena — explicou Carol, e os seus lábios tremeram. — A Deena quis ficar sozinha, e nós achámos… achámos que devíamos respeitar isso, confiar nela, dar-lhe essa independência. Se…

— Pode dizer-me os nomes de outros amigos?

Carol encheu o peito de ar, a respiração trémula.

— A Jo, a Hilly Rowe e a Libby Grogh, da escola. Estas são as amigas mais próximas. E o Jamie, Jamie Lingstrom.

O nome chamou a atenção de Eve.

— O neto do falecido inspetor-sargento Frank Wojinksi?

— Sim. — MacMasters anuiu. — Eu dava-me bem com o Frank, e o Jamie e a Deena são amigos há anos.

— Namorados?

— A Deena ainda não tinha interesse em rapazes, não dessa forma.

Enquanto MacMasters respondia, Eve reparou no olhar da sua mulher.

— Minha senhora?

— Ela era tímida com os rapazes, mas tinha interesse. Acho que gostava de um rapaz em particular.

— Quem?

— Ela nunca me disse, não diretamente. Mas nos últimos dois meses começou a interessar-se mais pela sua aparência e… Não sei bem como explicar, mas eu sabia que havia um rapaz que lhe tinha despertado a

atenção, um rapaz em quem ela estava interessada. De tal modo que tive outra conversa com ela sobre sexo.

MacMasters franziu o sobrolho à sua mulher, uma expressão mais admirada do que irritada.

— Não me disseste.

Carol olhou para o marido e os seus lábios trémulos tentaram sorrir.

— Há coisas privadas, Jonah, que ficam só entre raparigas. Ela ainda não tinha estado com um rapaz. Eu teria percebido. E ela ter-me-ia dito. Falámos sobre contraceção e segurança. Ela sabia que eu estava disposta a levá-la à clínica, se ela quisesse escolher um método contracetivo.

— Sabe se ela escrevia um diário?

— Era mais um bloco de notas. Ela registava pensamentos, ou observações, queixas, imagino eu, às vezes excertos de poesia ou letras de canções. — Como as lágrimas lhe continuavam a cair dos olhos, Carol tirou outro lenço. — Ela adora música. Anda sempre com o bloco na mala.

— E tem um portátil, um *link*?

— Sim. Também devem estar na mala dela.

— Ela tem uma mala de palhinha branca, com fivelas prateadas.

— É a sua nova mala de verão. Comprámo-la no mês passado. É a sua favorita do momento.

— Onde é que ela a guarda quando não a está a usar?

— No seu quarto, num gancho no lado interior da porta do roupeiro.

O gancho vazio, pensou Eve. O assassino levara a mala, e tudo o que lá se encontrava.

— Tenho de perguntar: a Deena consumia drogas?

— Não. Não o digo com toda esta certeza só porque ela era minha filha e por causa da minha posição. — MacMasters manteve o olhar fixo em Eve. — Conheço todos os sinais, tenente. E estou bem ciente de quão suscetível uma rapariga da idade da Deena pode ser à pressão de pares ou ao impulso de experimentar. Ela era totalmente contra as drogas, não apenas porque são ilegais, mas porque tinha um profundo respeito pelo seu corpo, pela sua saúde.

— Ela preocupa-se muito com a nutrição — acrescentou Carol. — Para ser sincera, eu muitas vezes até me sentia culpada por beber café ou por me permitir algumas refeições pouco saudáveis. Ela faz exercício seis dias por semana: ioga, *jogging*, treino de resistência.

— Que ginásio é que ela frequentava?

— Ela não gosta de ginásios. Temos uma pequena área no nível

inferior. E quando quer correr no exterior, a Deena vai para o parque. Usa os trilhos seguros. Leva um botão de pânico, e domina técnicas de defesa pessoal. O Jonah encarregou-se disso. Ultimamente, ela tem ido mais para o parque, como está bom tempo. Ela nunca consumiria drogas. Tem demasiado respeito por si própria e pelo pai, para fazer uma coisa dessas.

Tempo presente, pensou Eve, tudo no presente. Para a mãe, Deena ainda estava viva. Seria outro pesadelo quando a realidade se impusesse de vez? Eve hesitou, tentando encontrar o tom certo para se dirigir ao pai, sem apressar o pesadelo da mãe. Os outros polícias na sala detetaram aquela breve hesitação.

— Carol. — MacMasters apertou um pouco mais a mão da mulher. — Será que tu e a Anna podem fazer café? Acho que todos precisamos de café.

— Eu agradecia — disse Whitney.

— Claro que sim. — Compreendendo o objetivo, Anna pôs-se de pé, estendeu uma mão a Carol. — Eu preciso mesmo de café.

— Sim, está bem. Eu devia ter oferecido…

— Vamos tratar disso. — Anna conduziu Carol com firmeza para fora da sala.

— Quer saber se recebi ameaças, contra mim ou contra a minha família — começou MacMasters. — Qualquer coisa relacionada com o trabalho que pudesse ter levado a isto. Há sempre um drogado que nos ofende, um traficante que faz ameaças para tentar salvar a face. Tenho um ficheiro com as ameaças que me parecem mais sérias. Desmantelámos uma rede importante há dois meses. O tipo do dinheiro, Juan Garcia, pagou fiança. — A sua expressão alterou-se para uma de repulsa. — Tem um advogado poderoso, montes de dinheiro. Está a usar pulseira eletrónica, mas isso não seria impedimento para ele.

— Vamos investigar.

— Sim, sim. Mas… isto não é o estilo dele. — MacMasters esfregou as mãos na cara. — Ele viria atrás de mim, ou dos outros polícias envolvidos na operação. Não hesitaria em cortar-me a garganta, ou em mandar fazê-lo, se achasse que se conseguia safar, mas não o vejo a fazer isto, ou a ordenar uma coisa destas. Além disso, se viesse atrás da minha família, havia de querer que eu soubesse que tinha sido ele.

— Vamos investigar, de qualquer forma, e considerar tudo o que está registado no seu ficheiro. Vou precisar de uma cópia.

— Vai tê-la. Sei que nunca podemos ter a certeza… — Interrompeu-se por momentos, parecendo fazer um esforço enorme. — Nunca podemos saber se algum caso no trabalho vai ter consequências para a nossa família, mas sei que não andaram a vigiar-me. Este é um bom bairro, e mantivemos tudo no nome da Carol, nos registos públicos. As coisas vão-se sabendo, claro, mas a casa é segura, e incutimos medidas de segurança no espírito da Deena desde os seus primeiros anos de vida.

— Algo mais próximo de casa? — sugeriu Eve. — Problemas com um vizinho?

— Não. Nada. — MacMasters afastou as mãos. — Toda a gente se dá bem. Toda a gente gostava da Deena, especialmente da Deena. Ela… fazia recados à Sr.ª Cohen, que mora ao fundo da rua, quando ela ficou impedida de sair, com um tornozelo partido. Ia dar comida ao gato dos Rileys quando eles iam de férias. Ela…

— Não viu ninguém estranho a andar pela zona?

— Não. Não. Seja como for, ela nunca abriria a porta a um estranho, muito menos estando sozinha em casa. Estive a ver… enquanto esperava pelos agentes. Não encontrei qualquer sinal de entrada forçada. Não falta nada em casa, não está nada fora do sítio. Não foi um assalto que correu mal. Foi um crime direto e deliberado contra a minha filha. E foi alguém que ela conhecia.

— Neste momento, concordo consigo, capitão. Ainda assim, vamos considerar todas as possibilidades. Vou falar com os amigos dela. Se houve um rapaz que lhe despertou a atenção — continuou Eve, usando a expressão de Carol —, ela estaria menos alerta com ele.

— Não foi um… um encontro que deu para o torto. Não foi um impulso.

— Não, não creio que tenha sido.

— Então diga-me o que pensa.

Eve olhou para Whitney, que anuiu.

— Neste estádio muito inicial da investigação, penso que ela podia ter planos para um encontro, para receber um amigo. Alguém que tivesse conhecido fora do seu círculo. Alguém que a tivesse como alvo. Acredito que ele pode tê-la incapacitado. Encontrámos um copo, o único objeto fora do lugar na cozinha, e vamos enviá-lo para o laboratório.

— Drogou-a. — A emoção enrouqueceu-lhe a voz.

— Possivelmente. Capitão, não posso tirar conclusões neste momento, e não me sinto muito confortável a especular. Prometo mantê-lo

informado. Prometo-lhe que eu e a minha parceira, e a equipa que já comecei a reunir, vamos trabalhar com afinco para encontrar as respostas.

— Pedi que fosse a tenente a investigadora responsável porque não duvido disso. — Pressionou os olhos com os dedos. — Para que conste no meu depoimento, e repetindo o que declarei ao comandante, eu e a minha mulher regressámos mais cedo do que o previsto de uma viagem de dois dias. As fechaduras não estavam comprometidas. As câmaras, como verifiquei mais tarde, estavam desligadas. Não reparei nisto de imediato. Fomos diretamente para o piso de cima. Levei as malas para o nosso quarto, enquanto a Carol foi ao quarto da Deena ver se ela estava acordada. Ouvi-a gritar. A minha mulher gritou, e eu corri ao seu encontro. Encontrei-a a tentar levantar a Deena da cama. Percebi…

— Não é necessário continuar, capitão. Posso recorrer ao depoimento que deu ao comandante.

— Não, todos sabemos que é preciso ser repetido. Percebi que a Deena estava morta. Vi indícios de maus-tratos físicos e sexuais, o sangue, os hematomas, as algemas. Afastei a minha mulher da nossa filha porque… sabia que era necessário. Ela debateu-se, mas consegui tirá-la do quarto da Deena e levá-la para o nosso quarto, onde recorri à força e à intimidação para a manter ali enquanto eu contactava o comandante. Tenho noção de que não é este o procedimento a seguir. Devia ter chamado agentes ao local, mas…

— Eu teria feito o mesmo.

— Obrigado — disse MacMasters, com o peito a tremer, lutando para se controlar. — Relatei a situação ao comandante. Pedi-lhe ajuda. Os agentes que ele enviou chegaram. Não, não foi exatamente assim. Primeiro, voltei ao quarto da Deena. Precisava de ver… de ter a certeza. Convenci a Carol a vir para o rés do chão, e nessa altura verifiquei o sistema de segurança e procurei sinais de entrada forçada. Depois os agentes chegaram. O comandante e a Sr.ª Whitney vieram passado pouco tempo. Nessa altura, eu e o comandante voltámos ao… local. Pedi-lhe que fosse a tenente a conduzir a investigação.

— Obrigada, capitão. Enviei dois agentes para entrevistarem os vizinhos. Com a autorização do comandante, posso dar-lhe conhecimento de todos os relatórios.

— Tem a minha autorização. A equipa de medicina legal acaba de chegar — acrescentou Whitney, vendo a carrinha estacionar na rua. — Seria melhor mantermos a Carol na cozinha.

— Vou voltar para junto dela. — MacMasters pôs-se de pé. — Se não tiver mais perguntas a fazer-me agora, tenente.

— Não tenho. Os peritos forenses vão andar pela casa toda, daqui a pouco. Há algum lugar para onde o capitão e a sua mulher possam ir entretanto?

— Vêm para nossa casa — disse Whitney.

MacMasters anuiu. Eve achou que a postura de polícia se começava a esbater. As mãos tremiam-lhe, as linhas nos cantos dos olhos pareciam mais cavadas a cada segundo.

— Vou manter-me em contacto, capitão. Mais uma vez, sinto muito pela sua perda.

Quando ele saiu da sala, parecendo, agora, atordoado, Whitney voltou-se para Eve.

— Conclusões?

— Especulações, melhor dizendo. Ela deixou-o entrar, já tinha planeado fazê-lo. É impossível dizer, nesta altura, se o trouxe para casa de algum encontro noutro sítio ou se ele veio sozinho. Ela programou comida no AutoChef. O mais provável é terem comido. Se ele a drogou, deixou o copo no balcão de forma deliberada.

— Queria que soubéssemos isso — concluiu Whitney.

— Sim. Foi pessoal, planeado e deliberado. As violações foram brutais, os hematomas no rosto parecem ter sido algo que lhe ocorreu mais tarde, como uma exibição. Julgo que ele a sufocou, a asfixiou, talvez fazendo-a recuperar os sentidos uma e outra vez, para prolongar o ato, a dor e o medo dela. Ele queria que ela sentisse dor e medo. A hora da morte foi depois das três da madrugada. Tudo o que me disseram até agora indica que a vítima não teria deixado ninguém entrar, nem sequer um rapaz de quem gostasse, a meio da noite.

— Não. Não creio que o tivesse feito. A não ser que… acreditasse que alguém precisava de ajuda. Alguém que ela conhecesse.

— É uma possibilidade. O mais provável é ele ter chegado mais cedo, ter estado aqui bastante tempo. A não ser que a equipa forense descubra o contrário, acredito que toda a violência teve lugar no quarto dela, e depois de ele a ter algemado. Ele não correu riscos. Veio aqui com um objetivo específico, e cumpriu-o.

— Procure crimes idênticos — começou Whitney, depois interrompeu-se. — Estou a dizer-lhe como fazer o seu trabalho. Em vez disso, devia deixá-la fazê-lo.

— Vou começar pelos amigos dela. Podemos ter a sorte de conseguir um nome, uma descrição. Vou enviar imediatamente para o laboratório o copo que a Peabody recolheu. Pedi o Morris como médico-legista. O Feeney, o McNab, e quem quer que o Feeney escolha da DDE vão encarregar-se dos equipamentos eletrónicos. Também vamos percorrer o parque onde ela fazia *jogging*. Se foi lá que ela conheceu o assassino, é possível que alguém os tenha visto juntos. Vamos considerar o Garcia, embora eu tenda a concordar com o capitão a esse respeito.

— Mantenha-me informado — disse-lhe Whitney, e voltou-se para a sua mulher, que acabava de entrar.

— Queria dar-lhes uns momentos a sós. E queria dar-lhe isto a si, tenente. — Anna passou-lhe uma folha de bloco. — Os nomes e contactos dos amigos que a Carol mencionou.

— Obrigada.

— Sei que precisa de começar o que quer que tenha de fazer a seguir, mas gostava de lhe dizer uma coisa. A Carol e o Jonah são amigos que estimamos muito, e a Deena era… encantadora, sob todos os aspetos. Nem sempre gosto do seu estilo, tenente. Jack — disse, com um olhar impaciente, quando Whitney se preparava para intervir. — Por favor. Acho-a muitas vezes ríspida e difícil de compreender. Mas a Carol e o Jonah são amigos que estimamos muito, e a Deena era encantadora. Se o Jonah não tivesse pedido para ser a tenente a conduzir esta investigação, eu teria usado toda a minha influência junto do seu comandante para que o caso lhe fosse atribuído a si. Apanhe o patife. Apanhe-o.

Sem conter a emoção, Anna Whitney refugiou-se nos braços do marido e chorou.